



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de História

Licenciatura em História

**Monografia apresentada para a obtenção do Grau
de Licenciatura**

**Dinâmicas Socioeconômicas Associadas ao Trabalho Migratório no sul de Moçambique: O caso
de estudo do Distrito de Chibuto pós 1992**

Autor:

Décio Rodrigues Nhanombe

Maputo, Junho de 2019



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de História

Licenciatura em História

Dinâmicas Socioeconômicas Associadas ao Trabalho Migratório no sul de Moçambique: O caso de estudo do Distrito de Chibuto pós 1992

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em História na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Décio Rodrigues Nhanombe

O júri

Marlino Mubai, PhD

Paulo Lopes, PhD

José. C. Mandlate, MA

Maputo, Junho de 2019

Declaração de Honra

Eu, Dércio Rodrigues Nhanombe, declaro por minha honra que esta monografia não foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui resultado de investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes usadas para a elaboração desta.

Dércio Rodrigues Nhanombe

Dedicatória

A minha amada mãe Ana que lhe devo a vida por tudo que eu sou e que me tornarei.

“Não importa quanto a vida possa ser ruim, sempre existe algo que você pode fazer e triunfar. Enquanto há vida, há esperança”

Stephen Hawking

Agradecimentos

A Deus pela vida, por sempre permanecer e me guiar em todos os meus caminhos. Agradeço a minha mãe que incansavelmente trabalhou para que eu pudesse chegar a este nível, a minha eterna gratidão. A todos que sempre estiveram e fizeram deste desejo uma realidade, aos meus amigos pelo suporte, a todos que partilhei a minha vida académica, aos companheiros das jornadas académicas que juntos prevalecemos, estudamos e choramos.

Aos Doutores Napoleão Gaspar, Arnaldo Caliche e em especial ao Doutor Marlino Mubai pela orientação, atenção para que conduzisse a minha pesquisa da melhor forma e trazer resultados credíveis. Etende-se os meus agradecimentos a todos que colaboraram na realização desta pesquisa, ao Governo do Distrito de Chibuto pela recepção calorosa e disponibilização dos dados necessários, aos meus entrevistados que serviram de fontes orais, o meu muito obrigado. Em suma agradeço a todos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa sobre as Dinâmicas socioeconómicas associadas ao Trabalho Migratório no sul de Moçambique para a África do Sul. Concentra-se na análise do distrito de Chibuto após a Guerra civil que assolou o país entre 1976-1992, tendo trazido impactos numa região em que a tradição migratória era característica da população, sobretudo das zonas rurais. Vários estudos abordam o trabalho migratório numa perspectiva das causas que levam grande parte da população a migrar de um país para o outro. Estes estudos dão enfoque à busca das melhores condições de vida e analisam as condições em que os migrantes são submetidos na diáspora. Este estudo pretende dar continuidade a esses estudos, olhando especialmente para os resultados dos rendimentos ganhos através do trabalho migratório e a sua aplicabilidade nas zonas de origem por parte dos emigrantes no período pós-Guerra-civil. Pretende desconstruir as teorias que prevaleceram durante algum tempo em relação à tradição migratória, onde só os homens poderiam envolver-se na migração para a África do Sul, facto que representa uma mudança no período pós-guerra civil caracterizado por maior mobilidade. O trabalho argumenta que ocorreram transformações de natureza económica (uso dos rendimentos adquiridos através da migração), bem como transformações de natureza social (concepção da migração a longa distância). No distrito de Chibuto em específico, podem-se notar estas novas formas de investimento no que refere ao uso dos rendimentos por parte dos emigrantes (mulheres e homens) que se envolvem no trabalho migratório, como é a construção de furos de água, de moageiras, Escolas de Condução, bem como a comercialização de produtos sul-africanos em grande escala no pós-guerra civil até aos dias actuais.

Palavras-chave: Guerra-Civil, Emigração, Rendimento, Feminização.

ABSTRACT

This work presents the results of a research on the socioeconomic dynamics associated with migratory work in southern Mozambique to South Africa. It focuses on the analysis of the district of Chibuto after the civil war that devastated the country between 1976-1992, having brought impacts in a region where the migratory tradition was characteristic of the population, especially in rural areas. Several studies address migratory work from the perspective of the causes that lead a large part of the population to migrate from one country to another. These studies focus on the search for better living conditions and analyze the conditions in which migrants are subjected in the diaspora. This study intends to continue these studies, looking especially at the results of the income earned through migratory work and its applicability in the areas of origin by emigrants in the post-Civil War period. It intends to deconstruct the theories that prevailed for some time in relation to the migratory tradition, where only men could be involved in the migration to South Africa, a fact that represents a change in the post-civil war period characterized by greater mobility. The paper argues that there have been transformations of an economic nature (use of income earned through migration), as well as transformations of a social nature (conception of long-distance migration). In the Chibuto district in particular, these new forms of investment can be noted with regard to the use of income by emigrants (women and men) who are involved in migratory work, such as the construction of water holes, mills, Driving Schools, as well as the large-scale commercialization of South African products in the post-civil war to the present day.

Keywords: Civil War, Emigration, Income, Feminization.

Sumário

Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
CAPÍTULO-I	9
Introdução.....	9
Localização do Distrito de Chibuto	11
1.1. Problematização	11
1.2. Revisão Bibliográfica	13
1.3. Metodologia.....	16
CAPÍTULO-II	17
Dinâmicas do Trabalho Migratório no Período Pós-Guerra Civil.....	17
CAPÍTULO-III.....	21
1. Concepção da Tradição Migratória no Sul de Moçambique.....	21
1.1. Trabalho Migratório e Género	21
CAPÍTULO-IV.....	27
1. Áreas de Investimentos dos Rendimentos Adquiridos no Trabalho Migratório	27
CAPÍTULO-V.....	34
Conclusão.....	34
Bibliografia	38
Cronologia.....	41

CAPÍTULO-I

Introdução

O Trabalho Migratório em Moçambique constituiu uma forma de rendimento para o Estado Colonial, bem como constituiu nos primeiros anos após a independência, uma vez que os moçambicanos envolviam-se como forma de rentabilidade para as suas vidas preferindo migrar para várias partes da região onde se pode destacar a África do Sul. A actividade migratória dinamizou e fortificou as relações comerciais entre Moçambique, África do Sul e a Rodésia do Sul actual Zimbabwe, mas neste trabalho interessa olhar para as mudanças que ocorreram neste processo ao longo do tempo.

A província de Gaza para a região sul de Moçambique constituiu e ainda constitui um dos centros de migração para a África do Sul em busca de melhores condições de vida, tendo grande parte emigrado para as plantações e para a actividade mineira, criando alguns impactos ou consequências na economia moçambicana, na demografia e na produção respectivamente.

As razões importantes para a integração de pessoas de sul de Moçambique, os “Tsongas”, foram a necessidade de acumular enxadas e, mais tarde, investir em saúde das mulheres, bem como em produtos como roupas e bebidas alcoólicas. Elementos de “ideologia” e “status” dentro das comunidades rurais do sul de Moçambique também promoveram a participação de homens no trabalho migrante, tendo sido os jovens por volta de 1890 que eram trabalhadores das minas tratados com novo respeito como “*gayisa*”, que significava aqueles que retornaram das minas e fontes de riqueza. No entanto, casacos, chapéus e calças compradas pelo dinheiro das minas constituíam o símbolo do novo status.

Essas razões que levaram os Tsongas a migrar para a África do Sul variaram ao longo do tempo, isto é, essas razões não foram estáticas. Posteriormente, se verifica mudanças no que refere as razões da migração para a África do Sul, onde para além de emigrar para acumulação de instrumentos de produção, bem como os itens que estes emigrantes adquiriam com os seus salários, sobretudo no período pós-guerra civil em Moçambique surgem outras razões, mas todas concentradas no melhoramento de vidas. Neste período, os emigrantes começam a fazer investimentos a longo prazo e outros negócios que podem dar uma sustentabilidade durante longo período de tempo, isto é, começam a capitalizar os seus recursos com investimentos.

Este estudo pretende abordar sobre a dinâmica socioeconómicas associadas ao Trabalho Migratório no período pós-guerra civil em Moçambique, olhando especificamente a província de Gaza no Distrito de Chibuto no período pós-guerra Civil de modo a mostrar as transformações ou mudanças que esta actividade sofreu ao longo do tempo tanto sociais, bem como económicas. Apresenta como Objectivo Geral: (i) Analisar as Mudanças socioeconómicas associadas ao Trabalho Migratório no sul de Moçambique especificamente no Distrito de Chibuto pós-guerra Civil, e tem como objetivos específicos: (ii) Explicar o funcionamento do Trabalho Migratório no período Pós-Guerra Civil no sul de Moçambique (Distrito de Chibuto); (iii) Mostrar as mudanças na concepção da Tradição Migratória no período pós Guerra Civil em Moçambique; (iv) Identificar as áreas de Investimento e Uso dos rendimentos obtidos no Trabalho Migratório por parte dos emigrantes nas suas zonas de origem.

Este trabalho está organizado em capítulos e subcapítulos que visam explicar os assuntos relacionados a este tema. O *Primeiro capítulo* que é relativo à introdução, traz o debate em torno do tema a ser desenvolvido, expõe a problemática e a metodologia que foi usada para a elaboração deste trabalho. No *Segundo capítulo*, este trabalho mostra ou traz o debate referente ao funcionamento do trabalho migratório após Guerra Civil. No *Terceiro capítulo* aborda a questão referente as mudanças que ocorrem a nível social relativamente a Tradição Migratória. No *Quarto capítulo* aborda a questão referente ao uso dos rendimentos adquiridos no trabalho migrante e a sua aplicação pelos emigrantes nas suas zonas de origem. E por fim o *Quinto capítulo* que traz a conclusão que esta pesquisa chegou relativamente a este tema no âmbito do seu desenvolvimento.

Localização do Distrito de Chibuto

O distrito de Chibuto situa-se na região sul de Gaza, próximo da confluência dos rios Limpopo e Changane. Ao norte faz fronteira com o distrito de Chigubo e através do Rio Nwaluezi com o distrito de Panda-Inhambane. Ao Sul com os distritos de Bilene-Macia e Xai-Xai; a Este com o distrito de Mandlakazi e a oeste com os distritos de Guijá e Chokwè.



Fonte: Perfil do Distrito de Chibuto 2019

1.1. Problematização

O Trabalho Migratório no Sul do Save no período colonial e o período pós-colonial constituiu uma forma de rendimento para o governo português e moçambicano respectivamente, que ganhavam divisas através do mesmo e encere-se num processo capitalista entre a África do Sul para a região Sul de Moçambique e para a Rodésia do Sul para a região centro tendo-se assinado várias convenções para o recrutamento e regulamentação do Trabalho Migratório.

Covane (2001:67), que analisa o “*Impacto do Trabalho Migratório na Agricultura*”, argumenta neste sentido que o mesmo teve uma forte influência na vida das famílias no sul de Moçambique e concentra as suas análises no impacto do Trabalho Migratório na economia das comunidades

rurais. O autor argumenta que os migrantes regressavam as suas regiões locais, trazendo bens de ostentação como roupas e outros, e mostra que serviam as comunidades locais na medida em que regressavam sempre com medicamentos da África do Sul e com eles ajudavam os vizinhos no tratamento de algumas doenças isto porque estes tinham uma formação antes de serem lançados no subsolo tornando-se assim em potenciais agentes de saúde servindo assim de médicos e ajudavam a comunidade, mas concentra o seu estudo no impacto do Trabalho Migratório na agricultura e a sua análise termina em 1992.

No entanto, (Manghezi, 1977:32), argumenta que os migrantes nas comunidades deveriam ser responsáveis pelo processo de transformação das economias, pois, acreditava-se que podiam usar suas experiências adquiridas nas minas para proporcionar o desenvolvimento, mas concentrando-se no período colonial.

No período colonial, o Trabalho Migratório constituiu uma forma alternativa além da agricultura para o desenvolvimento económico do país e o melhoramento da própria agricultura por conta dos rendimentos adquiridos através do processo do Trabalho Migratório.

Geffrey (1982:5) mostra que o Trabalho Migratório teve um impacto significativo, onde pode-se encontrar as suas implicações desde a demografia que reduziu a mão-de-obra nas zonas de origem, na produção que reduziu nas zonas de origem e os migrantes como resultado desta migração traziam consigo numerários em circulação no Sul de Save que garantiam o desenvolvimento da actividade matrimonial como lobolo e outras actividades sobretudo no período pré-colonial e colonial.

As análises mostram as implicações do Trabalho Migratório no caso específico dos mineiros desde a sua saída, local de espera para serem levados às minas e as condições encontradas quando lá chegavam e mostra também o seu regresso e o uso dos fundos que tinham juntado que serviam principalmente para a aquisição de bens de ostentação, porém faz uma análise somente do período colonial.

Neste sentido, muitas das análises feitas sobre o processo do Trabalho Migratório centram-se, sobretudo nas implicações demográficas nas suas zonas de origem, afectando as zonas de produção na agricultura que era a actividade dinamizadora da economia no período colonial e

outras análises sobre este fenómeno centram-se na questão dos processos de recrutamento bem como as condições que os trabalhadores migrantes, para as plantações na Rodésia do Sul bem como para as minas e plantações na África do Sul, desde a política Laboral, questões de alojamento e acomodação.

Entretanto, carecem análises sobre o processo do Trabalho Migratório e as suas mudanças sociais e económicas pós Guerra civil ao longo do tempo, isto porque várias práticas do período anterior a independência no processo do Trabalho Migratório tem verificado mudanças significativas, tanto a nível social bem como ao nível económico que reflecte ao estudo que nos propusemos em desenvolver.

Neste sentido, a pergunta que orientará este estudo é a seguinte: **Até que ponto houve mudanças na Tradição Migratória e no Uso dos Rendimentos no pós-guerra civil em Chibuto?**

1.2. Revisão Bibliográfica

A economia de Moçambique no período colonial foi caracterizada por dois pilares que viabilizavam a mesma, a Agricultura e o Trabalho Migratório. Este último permitiu o desenvolvimento da agricultura colonial através dos rendimentos do mesmo, constituindo assim uma forte área de actividade económica deste período. Moçambique, após a independência herdou a estrutura económica colonial caracterizada, sobretudo pelas relações com a África do Sul no que cerne ao Trabalho Migratório, actividade que ainda continua até os dias de hoje com uma dinâmica certamente.

Covane (2001), mostra em vários níveis a dinâmica do Trabalho Migratório na região sul de Moçambique, destacando práticas desde o período colonial até ao fim da Guerra Civil, bem como mostra a uso dos rendimentos que eram adquiridos nas minas e outros sectores em que estes trabalhadores estavam inseridos.

Covane argumenta ainda que o dinheiro obtido do Trabalho Migratório era muitas vezes usado para comprar alianças aos chefes locais, e mostra ainda que este dinheiro era, sobretudo, usado

para o aumento da poligamia uma vez que os migrantes tinham mais posse para o pagamento de lobolo e pouco se preocupavam com questão de melhoramento das suas vidas materiais e investimentos deste dinheiro.

Por outro lado, Geffray & Laforte (1982:1-16), compartilham a mesma ideia que Covane ao mostrar que os rendimentos adquiridos, sobretudo da indústria mineira circulavam essencialmente na esfera matrimonial e logo que saíssem, eram destinados à aquisição de bens improdutivos com finalidade ostentadora, mostrando particularmente a província de Inhambane em Vilanculo.

O uso dos rendimentos no período colonial, obtidos através do Trabalho Migratório era para fins ostentadores de modo a serem vistos no seu regresso, mostra ainda que os valores eram desperdiçados ou usados para adquirir roupas, objectos de adorno. Além disso, mostra este estudo que alguns desses rendimentos trazidos pelos “Magaíza” que se envolviam num esquema de desvio para os bolsos de alguns oportunistas que os encontrava na fronteira e mostra ainda que no período colonial estes rendimentos adquiridos, sobretudo nas minas eram usados para a aquisição de instrumentos de produção, (TEMPO, 1980:36).

No período pós-guerra civil a forma como os rendimentos são usados por parte dos migrantes toma outra postura na medida em que para além da preocupação de adquirir bens improdutivos, passam a capitalizar esses recursos em investimentos que a longo prazo poderiam oferecer alguma rentabilidade, como é a questão de investimentos em abertura de alguns serviços que foram bastante úteis a sociedade moçambicana no sul de Moçambique.

Tal como argumenta Fairré (2010), no período pós-guerra civil os emigrantes do sul de Moçambique passaram a fazer um uso mais racional dos seus recursos adquiridos através do trabalho migratório em investimentos como construção de furos de água, bem como construção de moageiras, investimentos em transportes rodoviários, mostrando um novo pensamento que refere ao uso dos rendimentos.

Esta mudança de pensamento no uso dos rendimentos deve ser visto numa perspectiva do fim do colonialismo em Moçambique, pois no período colonial por mais que existissem ideias para a

aplicação desses fundos, os moçambicanos não tinham muito espaço para o fazerem numa altura de forte diferenciação racial desenvolvido pelo colonialismo português.

A tradição Migratória no sul de Moçambique foi um aspecto se consolidou durante o período pré-colonial e colonial, onde havia a desigualdade social e discriminação em relação ao género, onde só podiam envolver-se na migração a longa distância (para África do Sul) apenas os homens como sinónimo de masculinidade e às mulheres eram lhes reservado os trabalhos de produção, ou seja, ocupavam essencialmente a área doméstica.

Tal como argumenta Bilale (2007), a participação feminina no fenómeno da migração internacional, bem como interno tinha sido durante algum tempo negligenciado por autores que desenvolvem seus estudos nesta área, dando mais enfoque aos homens que tinham direito por excelência de se envolver na migração a longa distância.

Covane (2001) é unânime a ideia da diferenciação entre o género no processo de migração e argumenta que na região de Gaza havia dois tipos de migração: a menos perigosa que era feita pelas mulheres para Lourenço Marques e a mais perigosa esta reservada apenas para os homens, porém, assume que há indícios por mais que ínfimos de um registo de migração feminina que trabalhavam ao redor das cidades sul-africanas como prostitutas.

Entretanto, Sadique (2004), desconstrói a ideia que prevaleceu durante o período pré-colonial e colonial da participação da mulher na migração a longa distância, mostrando que com a independência e, sobretudo com o fim da Guerra civil em Moçambique a mulher tem-se envolvido nesta natureza de migração, causado pela situação pós-guerra civil em que as alternativas para a subsistência tornaram cada vez mais escassas, associado também à perda de vida dos seus maridos e a responsabilidade que passam ter nas suas famílias.

Neste sentido, desde o período pós-guerra civil até a actualidade, o número de mulheres envolvidas na migração externa particularmente para a África do Sul tem se registado e tornou-se o quotidiano destas que se envolvem em trabalhos diversos, como prestação de serviços e ligados, sobretudo a compra de produtos para a revenda nas suas regiões de origem designadas por Mukeristas.

Deshingkar citado por Bilale (2007) mostra que a concepção no que refere a tradição migratória tem verificado mudanças desde a década de 1990, onde não só os homens se envolvem na migração externa mas também há uma participação elevada das mulheres que passam a ser empregadas nas áreas das indústrias e serviços, associado ao fim da Guerra Civil que permite mais mobilidade.

Contudo, no período pós-guerra civil em Moçambique regista-se uma série de mudanças associadas ao Trabalho Migratório desde a esfera económica referente ao uso dos rendimentos adquiridos pelos trabalhadores migrantes nas suas zonas que origem em relação aos períodos anteriores, onde para além de aplicar os seus rendimentos em bens improdutivos, passaram a capitalizar os seus recursos fazendo investimentos a longo prazo. Também houve mudanças na esfera social no que refere à concepção Migratória no sul de Moçambique, onde nos períodos anteriores a Guerra Civil não se via o envolvimento da mulher em grande escala na migração externa que era apenas reservada aos homens, facto que mudou no pós-guerra civil caracterizado por maior mobilidade, nota-se com frequência a participação da mulher no fenómeno da migração externa (África do Sul).

1.3. Metodologia

A metodologia de um trabalho científico constitui as formas e as etapas que a investigação irá se submeter para a produção do conhecimento credível. A elaboração deste estudo obedeceu a uma pesquisa exploratória na medida em que pretendeu buscar maior proximidade com o objecto de estudo através do levantamento bibliográfico, entrevistas a indivíduos que estejam envolvidos nesta área de estudo, onde será necessária uma pesquisa de campo e análise dos conhecimentos que possam estimular a compreensão do tema.

No que refere as fontes de pesquisa, este estudo foi possível através da consulta de fontes primárias que além de analisar os relatórios e outros documentos desta natureza que tratam sobre a questão do Trabalho Migratório no sul de Moçambique. Este estudo baseou-se na recolha de informação, optando pelas entrevistas aos trabalhadores migrantes no distrito de Chibuto que reflecte a recolha de dados que interessam a pesquisa, bem como foram usadas fontes secundárias. Este estudo combina abordagens qualitativas e quantitativas de modo a mostrar com evidências a níveis estatísticos de modo a compreender e dar mais clareza a este estudo.

O método qualitativo que se associa a pesquisa baseada em entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes, isto é, recolha de discursos completos dos sujeitos de modo a perceber a sua interpretação, enquanto o método quantitativo permite atribuir valores numéricos às declarações ou observações, com objectivo de estudar com métodos estatísticos.

CAPÍTULO-II

Dinâmicas do Trabalho Migratório no Período Pós-Guerra Civil

Após a independência, Moçambique tal como o seu colonizador não estava em condições de oferecer possibilidades, nem oportunidades de emprego a um número significativo de trabalhadores emigrantes que trabalhavam em diferentes áreas em diversas regiões da África Austral, a agricultura local e a indústria eram incapazes de absorver de forma competitiva toda a força de trabalho nacional.

Durante os longos anos de guerra civil em Moçambique (1976-1992), as migrações internacionais da população foram determinadas pela necessidade de fuga ao conflito interno, na maior parte das vezes através da deslocação forçada e do refúgio em países vizinhos, ao ritmo das exigências das situações (Bakewell et all., 2015).

É de referir que apesar dos críticos do governo colonial no que concerne ao Trabalho Migratório para a África do Sul e a circulação do escudo pensando na sua substituição, as mudanças políticas e económicas nos meados da década de 1970 quando Moçambique alcança a independência em 25 de Junho de 1975, não conduziram a qualquer política para terminar com o Trabalho Migratório.

Em Moçambique, a par dos mais evidentes condicionamentos coloniais e aqueles decorrentes da guerra civil, há uma clara correlação entre a migração e a procura de oportunidades económicas, sobretudo ligadas à maior riqueza das cidades, o que motivou importantes êxodos rurais de forma continuada. A Guerra Civil, naquilo que representaram quer em termos de restrição à mobilidade quer em termos de imposição da mobilidade, não só forçou a permanência de populações em determinados locais como empurraram um número muito significativo de pessoas

para a migração internacional, sobretudo transfronteiriça, e para migrações internas em direcção às cidades em busca de novas oportunidades. (Potts, 2013: 28),

Tal como argumenta Covane (2001:246; 247), o Trabalho Migratório de Moçambique para a África do Sul continuou no período pós-independência como um elemento crucial e importante para criar fonte de rendimento para milhares de famílias no sul de Moçambique, assim como para dinamizar a economia do Estado independente.

No entanto, Moçambique mergulhou numa Guerra Civil entre o governo da Frelimo e a RENAMO que assolou o país entre 1976 e só teve seu término em 1992 com assinatura do Acordo Geral de Paz (AGP). A guerra levou a mais de 1,5 milhões de refugiados fugindo para os países vizinhos como a África do Sul, tal como mostra Badén (1997:19).

De acordo com (UNHCR/ACNUR citado por Rodrigues, 2018:453), em Moçambique, o principal destino dos refugiados durante a guerra civil foram o Zimbabwe e o Malawi, registando-se o seu regresso após o final do conflito. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR), em 1994 contabilizavam-se 804 376 refugiados que retornavam ao país.

O final da guerra criou novas condições para a mobilidade e, conseqüentemente, para novas especialidades na migração. Em Moçambique, iniciaram-se processos de retorno de refugiados, alguns de forma mais lenta, dadas as condições menos favoráveis nos países de origem ao nível económico e social após o conflito, provocado, sobretudo pelas destruições a diversos níveis. Estas migrações de retorno constituíram o maior fluxo de entrada no país, embora também se tenham iniciado ao mesmo tempo processos de imigração internacional motivada pelas reconstruções nacionais e por novas oportunidades de negócios e de cooperação que, entretanto, se foram abrindo.

De acordo com Patrício, 2016; Åkesson, 2016 citados por Rodrigues (2018:455), o aumento do número de migrantes internacionais é significativo no pós-guerra e no âmbito das relações externas e das dinâmicas económicas internacionais mantêm-se ainda algumas das principais rotas de circulação internacional do tempo da guerra. A principal característica comum em termos da emigração em Moçambique no pós-guerra diz respeito à continuação da migração de

um número significativo de pessoas à procura de melhores condições de vida e à manutenção de altos níveis de migrações laborais de Moçambique para a África do Sul.

Estima-se que as migrações laborais sejam elevadas, embora não se conheçam em detalhe os números dada a grande porção de migrações ilegais e/ou não registadas:

“Estima-se que em 2003 cerca de 75 000 moçambicanos estavam a trabalhar legalmente na África do Sul, enquanto aqueles que estavam a trabalhar ilegalmente, só nas províncias de Mpumalanga e Limpopo, ultrapassavam os 145 000”, Arnaldo & Muanamoha, (2014: 25).

Rodrigues (2018:456) mostra ainda que a nível de migração em Moçambique verificam-se as seguintes estatísticas: Emigração de moçambicanos para África do Sul cerca de 449 102 em comparação a imigrantes sul-africanos que constituía em Moçambique cerca de 8897 conferindo aos dados de 2015.

Para Vletter (2006), as razões da continuada ida de moçambicanos para a África do Sul prendem-se com o facto de, apesar de o crescimento económico de Moçambique ser positivo no período pós-guerra, ele está ligado aos mega projectos, capital intensivo, que limitam a absorção dos trabalhadores nacionais não qualificados. Daí que a mobilidade seja, sobretudo de nível interno e regional, envolvendo “populações de alta mobilidade” que incluem comerciantes (formais e informais), mukeristas, trabalhadores mineiros, da construção civil e doméstica.

Estes elementos mostram que vários motivos podem ser avançados no que refere a continuação da migração para a África do Sul que para além de basear-se num sector (minas) que envolvia os homens em grande parte, surgem novas áreas de serviços e com a maior mobilidade, há mais abertura para a migração envolvendo todo o género e também no período pós-guerra há mudanças que se registam no que refere ao uso dos rendimentos adquiridos através do trabalho migratório em comparação aos períodos anteriores que será desenvolvido num subcapítulo específico.

No período Pré-colonial, no que refere às práticas sociais, as actividades matrimoniais como o lobolo reflectiam apenas a troca de produtos por produtos dentro da sociedade no sul de Moçambique. No entanto, as enxadas, os animais como o gado bovino que sempre haviam feito parte dos pagamentos de preços das noivas como o principal item das trocas para o lobolo

durante este período, foram trocados pelos salários dos trabalhadores migrantes a quanto das relações migratórias ainda neste período. Com o início da migração para a África do Sul, os salários dos trabalhadores emigrantes substituíram amplamente o gado e as enxadas como o principal meio de troca matrimonial e substituindo amplamente o gado como veículo de segurança reprodutiva.

Importa salientar que este pensamento de usar os rendimentos adquiridos através do trabalho migratório por parte dos emigrantes do sul de Moçambique, tomaram outros contornos no pós-guerra civil, facto que será analisado no capítulo com mais detalhes.

A outra questão que reflecte uma das mudanças sociais envolvendo os emigrantes é a questão da sua subjugação e dependência em relação aos chefes tradicionais no período colonial e pré-colonial. Os emigrantes, sobretudo no período colonial dependiam dos chefes locais em uma série de actividades económicas e sociais, pois, os chefes locais eram responsáveis por ficar a cuidar das esposas dos emigrantes e das suas machambas, tendo uma grande importância social para os emigrantes.

No período pós-guerra civil, verifica-se mudanças no que refere as razões da migração para a África do Sul, onde para além de migrar para acumulação de instrumentos de produção, bem como os itens que estes emigrantes adquiriam com os seus salários, surgem outras razões, mas todas concentradas no melhoramento de vidas. Neste período, a migração já não era motivada por factores acima mencionados, mas os emigrantes começam a fazer investimentos a longo prazo e outros negócios que podem dar uma sustentabilidade durante longo período de tempo, isto é, começam a capitalizar os seus recursos com investimentos.

Contudo, o cenário Pós-Guerra Civil que permite mais mobilidade aos indivíduos nas relações de migração para a África do Sul, permite com que haja mudanças significativas no que refere a concepção do trabalho migratório a longa distância que para além de ser especificamente os homens, há um envolvimento das mulheres em grande escala desenvolvendo várias actividades. Há de facto uma dinâmica ou uma série de mudanças socioeconómica no processo do Trabalho Migratório no sul de Moçambique até aos estágios actuais. Mudanças como o uso dos rendimentos adquiridos no período pré-colonial, Colonial que não permitiram através dos pensamentos desta época em não pensar em fazer investimentos de modo a capitalizar os seus

recursos, por um lado porque o contexto político não favorecia o desenvolvimento de ideias e investimentos a longo prazo. No período pós-guerra civil com uma conjuntura política favorável já é possível notar algumas mudanças no pensamento e os emigrantes começam a pensar no além e capitalizarem os seus recursos através de investimentos e abertura de negócios como pode-se encontrar no distrito de Chibuto investimentos como abertura de Moageiras e Furos de Água. Estes factores serão mais desenvolvidos nos capítulos abaixo deste trabalho.

CAPÍTULO-III

1. Concepção da Tradição Migratória no Sul de Moçambique

1.1. Trabalho Migratório e Género

Numa sociedade em que os trabalhos eram claramente definidos, o Trabalho Migratório era reservado exclusivamente para os homens. Os homens que não migravam para a África do Sul eram estigmatizados socialmente e ridicularizados até mesmo pelas mulheres e estes, eram sujeitos a comentários pejorativos e as suas esposas eram tidas como estando a usar drogas e bruxaria para manterem os seus maridos sob controlo.

Estes estigmas desenvolvidos na sociedade levaram com que muitos jovens no distrito de Chibuto em específico. Jovens das zonas rurais no geral optarem pelo trabalho migratório para a África do Sul de modo a serem olhados de outra forma na sociedade. Antes do início da emigração para a África do Sul tornar-se intensa, as tarefas económicas tradicionais dos homens exigiam significativamente menos tempo de trabalho do que as mulheres, cujo trabalho agrícola e doméstico era a pedra fundamental reprodutiva da família camponesa.

As tarefas económicas tradicionais dos homens incluíam uma modesta quantidade de trabalho agrícola, a construção de casas, fabricação de ferramentas, artesanato, cuidarem do gado e caça. No processo migratório, as diferenças sociais relativamente ao género foram claras no sul de Moçambique, onde as mulheres tinham a tarefa de produzir e cultivar a terra enquanto os homens era por dever e direito envolver-se no processo do trabalho migratório para a região, sobretudo para a África do Sul.

A diferenciação no que refere ao género no processo do Trabalho Migratório para a África do Sul no período colonial e pós-colonial foi bastante visível, tendo a região de Gaza sido caracterizada por dois tipos de migração. Por um lado a menos perigosa (que era feita na sua maior parte pelas mulheres para Lourenço Marques) e por outro lado a mais perigosa que era feita pelos homens maioritariamente para a África do Sul.

Porém, este facto não quer dizer que não houve a migração feminina nesta altura para a África do Sul, mas, importa referir que foi numa escala bastante reduzida e as mulheres que se envolviam nestas incursões era para trabalhos obscuros, ou seja, trabalhavam como prostitutas nas áreas junto das minas (compounds) e constituía um processo de recrutamento formalizado, onde já nos anos de 1922 havia cerca de 800 mulheres a trabalharem como prostitutas na África do Sul, (Covane 2001:104).

Importa aqui referir que houve um processo de repatriamento das mulheres a trabalharem no Rand e apesar de estas terem sido repatriadas, é preciso sublinhar que algumas mulheres num número significativo estabeleceram-se permanentemente na África do Sul. São várias causas levantadas por diferentes autores, onde o argumento forte entre eles é de que a migração feminina foi causada pelas condições económicas e sociais, onde o alto nível de mortes por causa de doenças e acidentes nas minas entre os trabalhadores moçambicanos, um número significativo de mulheres, entre elas esposas, filhas sem apoio económico e social dos seus membros do sexo masculino envolveram-se no processo da migração.

Para além destas causas, há outra hipótese que podemos levantar neste estudo que se refere ao facto da maioria dos emigrantes deixarem as suas esposas, filhos e muitos acabavam por formar outras famílias no Rand e tinham que dividir os seus salários entre as duas famílias e alguns acabavam por abandonar as suas famílias nas zonas de origem e simplesmente formavam outras e nem regressavam ou podiam regressar tardiamente.

Covane (2001); Geffray & Loforte, (1982:1-16), são unânimes na ideia em relação à desigualdade social, mostrando que, por exemplo, em Vilanculo as mulheres somente lhes restava à tarefa de ficar cuidar da produção e o trabalho migratório era essencialmente para os homens como sinónimo de sua masculinidade facto que pode ser discutível após a independência na região sul de Save principalmente no período pós-guerra civil.

O Trabalho Migratório passou por uma série de mudanças sociais em relação ao pensamento da população no meio das comunidades rurais, dentre várias mudanças, destaca-se a questão da migração feminina para a África do Sul. Importa referir que a migração feminina para a África do Sul já se registou nos períodos anteriores a Guerra Civil em Moçambique, ou seja, no período colonial.

Neste sentido, a migração feminina para a África do Sul no período colonial no sul de Moçambique, era vista ou verificada simplesmente para Lourenço Marques, olhando especificamente para a região de Gaza, pois, era considerada menos perigosa. Nesta altura, somente os homens poderiam emigrar para a África do Sul, pois, era considerada a mais perigosa. No entanto, os homens que não emigravam para a terra do Rand eram vistos com algum receio nas comunidades rurais e até os casamentos eram condicionados por ter algum histórico de ida para a África do Sul.

Este pensamento em relação à emigração feminina para a África do Sul manteve-se mesmo no período colonial, na medida em que pouco se fala da emigração feminina, geralmente por conta dos trabalhos ou da exigência da economia sul-africana, registando-se uma emigração clandestina que trabalhavam como prostitutas ao redor dos *compounds* e nas várias cidades do Rand. Contudo nos períodos anteriores regista-se para África do Sul a emigração feminina apesar de ser clandestina, onde durante a década de 1920 existia cerca de 800 mulheres trabalhando na terra do Rand, Covane (2001).

Tal como argumenta um dos entrevistados:

“As mulheres não poderiam emigrar para a África do Sul. Elas não entravam nem sequer nos pontos de recrutamento aqui em Chibuto, nem em Xai-Xai, éramos somente Gala¹ até chegarmos ao local onde seríamos transportados para a África do Sul”.²

As opções económicas para a maioria das mulheres em Moçambique antes da Independência foram principalmente concentradas na agricultura de subsistência. Com um sistema bem estabelecido de trabalho forçado (*chibalo*) e migração laboral de homens para África do Sul,

¹Gala – Que significa homem

² Entrevista com Senhor Chilengue, Ex-mineiro, Chibuto, 27/08/2019, conduzida por Nhanombe

tendo aumentado a carga de trabalho agrícola das mulheres à medida que lutavam para manter as parcelas familiares sozinhas, durante longa ausência dos homens, sem contar que tinham a missão de criar filhos sozinhas, devido à falta de apoio de parceiros ausentes.

Segundo Baden (1997), no pós-independência, sobretudo no início da Guerra Civil, o deslocamento das mulheres tendia a ocorrer em nível local, com pessoas tentando permanecer nos campos próximos para que eles pudessem continuar a cultivar. No entanto, é provável que as mulheres tenham menos inclinação em percorrer longas distâncias pelo menos no início da guerra a fim de continuar cultivando e também por causa da responsabilidade de cuidar de crianças e idosos.

Importa referir que este pensamento começa a registar mudanças em relação à emigração feminina para a África do Sul no período pós-guerra civil (1992). Neste sentido, com o fim da Guerra Civil em Moçambique, várias mudanças registaram-se no que refere à migração feminina, onde há mais abertura para as pessoas envolverem-se no processo da migração para África do Sul e as mulheres começam a se envolver fortemente nesta actividade. Para além das mulheres emigrarem para a África do Sul clandestinamente e trabalharem como prostitutas onde se estima que nos anos 1920 existissem em Joanesburgo cerca de 800 mulheres, estas passaram a envolver-se em trabalhos que os homens faziam naquela região, onde é possível olhar as mulheres a exercerem trabalho nas minas em relação à concepção anterior.

Tal como argumentam os entrevistados Chilengue & Mabote (2019):

“No período colonial o trabalho nas minas só envolviam a nós homens e a partir do período pós-guerra civil já trabalhávamos com as mulheres nas minas e já levávamos as nossas esposas para a África do Sul. Depois de 2000 as mulheres começaram a se evidenciar nos trabalhos que mesmo os homens faziam como é o caso das minas e quando saímos da África do Sul, por exemplo, em Rastenback em 2009 já havia uma série de mulheres a exercer trabalhos e até eram líderes de alguns sectores nas minas.”

Neste sentido, as mulheres começaram a envolver-se no Trabalho Migratório para a África do Sul no pós-guerra civil em Moçambique como uma forma de tentar se erguer e por conta da destruição das machambas que serviam como meio de produção para a sua subsistência.

Tal como encontramos no argumento de Bilale (2007:24), em diversos estudos tem-se subestimado a participação da mulher no fenómeno da migração, quer internamente, quer internacionalmente, pois, parte-se do princípio de que só os homens emigravam por razões económicas. Mas como refere Sadique (2004) citado pelo autor acima, há uma percentagem significativa e crescente da participação feminina no processo migratório no período pós-guerra e o aumento da participação da mulher na migração deve-se ao facto destas terem alguma responsabilidade familiar, envolvendo-se desta forma no mercado laboral.

Neste sentido, tal como argumenta Deshingkar citado por Bilale (2007), a feminização da migração corresponde uma das principais mudanças mais recentes na história da migração em Moçambique, sobretudo depois da década de 1990 que está associada ao aumento de ofertas de emprego para as mulheres nas áreas das indústrias e serviços.

Este argumento mostra de facto que as mulheres tem-se envolvido no trabalho migratório na actualidade, onde elas para além de emigrar com os seus parceiros para a África do Sul, por exemplo, que também constitui uma das mudanças no período pós 1992, emigram sem o acompanhamento destes. A tradição da migração em Moçambique dominada pelos homens para grandes distâncias e por um longo período de tempo está sendo ultrapassada registando-se a feminização crescente, bem como responder as necessidades económicas do país e das comunidades em que se inserem. Contudo, pode-se assumir que a Guerra Civil contribuiu para a migração feminina de modo a buscar melhores condições de vida e estabilidade social das mulheres.

É possível notar-se uma grande participação das mulheres na migração no sul de Moçambique, mas apesar de existir no distrito de Chibuto é ainda em menor escala o que significa que os traços da concepção migratória dos tempos anteriores prevalecem e está no processo de desconstrução, pois, um número significativo de mulheres neste distrito ainda ocupa-se com o trabalho de produção, bem como no comércio local. Apesar de se notar no distrito de chibuto caracteriza grande parte a Província de Maputo como a criação de pequenos negócios, onde na

actualidade muitas mulheres estão envolvidas na venda informal, ou seja, são designadas *mukeristas*³.

Ainda pode-se olhar no âmbito social no Pós-guerra Civil, onde o Status que era dado aos emigrantes homens para a África do Sul, perde o seu peso actualmente em quase toda parte da região sul principalmente no distrito de Chibuto. Este fenómeno deve-se ao facto de existir muitas oportunidades com o fim da guerra civil em Moçambique de desenvolver alguma actividade dentro do país sem nenhum risco e assim garantir a subsistência, não sendo mais a migração para a África do Sul a principal fonte para o bem-estar social e económico dos indivíduos.

Havia um status que os emigrantes tinham nos períodos anteriores e os homens que não estavam envolvidos na migração não eram considerados como “homens” em nível da comunidade, tendo caracterizado o distrito de Chibuto durante um longo período do tempo, pois, não tinham nenhuma experiência de masculinidade, ou seja, os que tinham ficado só tinham experiências das mulheres e eram considerados socialmente como se estivessem a ser controlados pelas suas esposas, facto que mudou significativamente no pós-guerra civil tal como afirma um dos entrevistados:

“Os homens que não estavam envolvidos no trabalho migratório, primeiro para Lourenço Marques e posteriormente para a África do Sul, eram vistos como preguiçosos e que não tinham nenhum objectivo nas suas vidas, ou seja, não tinham nenhuma ambição e costumavam nos dizer quando crianças que devíamos comer para crescer e ir a África do Sul”⁴.

Neste sentido, o fim da Guerra Civil em 1992 que coincidiu com mudanças políticas na África do Sul fez com que o processo da migração crescesse de forma significativa por parte dos moçambicanos, tendo se envolvido por um lado para adquirir um status social e ganhar o respeito na comunidade e por tratar-se de um período de estabilidade política no país, homens e mulheres envolveram-se neste processo em grande escala para trabalhos diversos.

³**Mukerista** que significa mulheres que emigram para diferentes pontos internacionais adquirindo produtos para a revenda.

⁴ Entrevista com o senhor Manuel Mavila, Ex-emigrante, Chibuto 26/08/2019 conduzida por Nhanombe

Contudo várias foram as mudanças que se registaram em relação à tradição migratória no sul de Moçambique no período pós-guerra civil que permitiu maior mobilidade para a África do Sul que durante um longo período somente os homens é que deveriam se envolver nesta actividade. Ainda se verifica no pós-guerra civil a feminização da África do Sul desconstruindo a ideia concebida anteriormente e as mulheres passam a se envolver em trabalhos diversos, desde o trabalho na mineração tal como foi argumentado anteriormente, prestação de serviços e em grande escala se envolvem no mercado informal actuando em grande parte como mukeristas.

CAPÍTULO-IV

1. Áreas de Investimentos dos Rendimentos Adquiridos no Trabalho Migratório

Para a viabilização da economia moçambicana no período colonial, é de salientar que o Trabalho Migratório foi tido como uma das fontes bastante fortes para o efeito. A importância da zona sul no que refere ao Trabalho Migratório deve-se ao facto de estar ou de fazer fronteira com a África do Sul, que era o principal cliente, e a região serviu de facto como uma das principais fontes da busca da mão-de-obra para o trabalho em vastas áreas, quer nas plantações, quer na indústria mineira.

A economia de Moçambique no período colonial foi caracterizada por dois pilares que viabilizaram a mesma que era a Agricultura e o Trabalho Migratório. Este último permitiu, sobretudo, o desenvolvimento da agricultura através dos rendimentos adquiridos por este trabalho migratório, tendo constituído naquele período uma actividade económica que viabilizou e manteve o colonialismo em Moçambique, sobretudo no sul de Moçambique.

Para Covane (2001:102), a migração no período colonial tal como vimos na parte anterior, era usado para o pagamento de imposto e para além desta utilidade, eram usados também para fins de aquisição de Gado, Têxtil, Álcool, que constituíam em sua grande parte utensílios portugueses (objectos de adorno).

Mostrando desta forma que os moçambicanos eram limitados a fazerem o uso dos seus rendimentos adquiridos durante o trabalho quer nas minas, bem como nas plantações para fins

que pudessem ser considerados a longo prazo para a estabilização das suas vidas, como investimentos a longo prazo, negócio e outras actividades. No entanto esses recursos adquiridos no trabalho migratório giravam internamente para a aquisição de bens de origem portuguesa.

Os rendimentos adquiridos nas minas eram essencialmente usados para fins ostentadores de modo a serem vistos os emigrantes no seu regresso e os valores eram muita das vezes desperdiçados em aquisição de roupas e outros bens. E ainda esses trabalhadores emigrantes envolviam-se em um esquema de desvio dos seus rendimentos para os bolsos de alguns oportunistas que eles encontravam no seu regresso, bem como para a aquisição de bens de produção e nesta altura, a actividade migratória variava de acordo com a época do ano, Tempo (1980:21-36).

Geffray & Lafort (1982:16), compartilham a mesma ideia que Covane ao mostrar que também esses rendimentos, sobretudo os da indústria mineira eram usados essencialmente para a aquisição de bens improdutivos com finalidade ostentadora, eram também usados na esfera matrimonial e também eram usados às vezes para evitar o recrutamento compulsivo estabelecido pelas autoridades administrativas locais.

Covane (2001); Geffray & Lafort (1982), argumentam que o trabalho migratório e os seus rendimentos aos jovens homens moçambicanos, permitiu para o aumento da poligamia uma vez que os emigrantes tinham mais posses para o pagamento do lobolo⁵, e poucas vezes esses se preocupavam com a questão de melhoramento das suas vidas materiais, investindo esse dinheiro em mulheres.

Tal como argumenta um dos entrevistados:

“No tempo onde nascemos e o lugar, não podíamos comprar nada e nem construir casas bonitas porque havia uma lenda de que podíamos morrer e deixar a casa, logo naquele período preocupávamo-nos em fazer os casamentos e usávamos o dinheiro para o lobolo. Lembro-me que gastei 7500,00 para o lobolo da minha esposa”⁶

⁵**Lobolo** que é uma cerimónia tradicional em que a família do noivo oferece um dote à família da noiva, celebrando assim a sua união. É uma prática típica do sul de Moçambique que ainda prevalece até aos dias actuais.

⁶ Entrevista com senhor Chilengue, Ex-mineiro, Chibuto, 26/08/2019, conduzida por Nhanombe

Neste sentido, tal como argumenta Harris (1959), as razões que levaram a migração da maior parte da população da zona sul de Moçambique os “Tsongas”, foi à necessidade de acumular enxadas e mais tarde investir na saúde das suas mulheres e em produtos como roupas e bebidas alcoólicas.

Este pensamento muda em relação ao período pós-guerra Civil, onde os que se envolvem no trabalho migratório procuram capitalizar os seus recursos e isso é proporcionado pelo contexto e estabilidade no país, permitindo desta forma a criação de investimentos por parte dos envolvidos nesta actividade que passaram a ajudar significativamente a população local através da criação e prestação de vários serviços.

Munamoha (2008), refere que as causas da migração de muitos moçambicanos para a África do Sul entre 1980-2004, está praticamente ligada à procura de emprego, seguido da unificação familiar. Porém mostra ainda que a migração para a África do Sul durante e após a Guerra Civil continuou essencialmente para as grandes cidades sul-africanas.

De acordo com De Vletter (2006), os rendimentos ou as remessas adquiridas e enviadas da África do Sul para a região sul de Moçambique (províncias de Maputo, Gaza e Inhambane), jogou um papel fundamental para a estabilização de vidas de muitas famílias após a destruição de quase tudo durante a Guerra Civil, tendo prestado os rendimentos para aquisição de bens e serviços, permitindo também o início de novos investimentos.

As famílias com uma tradição migratória para a África do Sul por vezes de várias gerações tem tendência de acumular mais do que os outros mais recentes na dinâmica migratória e os rendimentos adquiridos neste processo, tem sido usados regra geral para o consumo quotidiano, mas neste período tem se alastrado este uso para fins de abrir pequenos negócios, construção de casas melhoradas, investimento na educação dos filhos, bem como para o pagamento de lobolo e de algumas dívidas que a família tenha contraído.

Actualmente os moçambicanos migram para exercer diversas actividades para além das conhecidas anteriormente e isso reflecte o crescimento ou desenvolvimento das famílias apesar de terem membros que migram para a África do Sul.

A aplicação dos rendimentos pelos emigrantes moçambicanos pode ser percebida num estudo realizado por Fairré (2010:226; 240) em Massinga, mostrando que a prioridade dos emigrantes provenientes da África do Sul é essencialmente: a construção de casas de alvenaria e depósitos de água; Ritos cerimoniais (casamentos); Realização de cerimónias para os mortos; Investimentos em transportes (compra de carros para transporte); aquisição de animais para a reprodução e venda em pequena escala de modo a dinamizarem as suas vidas.

Este facto mostra claramente a mudança de pensamento em relação à aplicação dos bens ou rendimentos adquiridos através do processo do trabalho migratório no sul de Moçambique que em vez de adquirir produtos de consumo e outros para investimento ligado maioritariamente a agricultura como investir em Gado, enxadas e outros instrumentos de produção, os emigrantes passam a ter outra postura ao que refere à uso desses recursos.

Tal como afirma um dos entrevistados:

“No período pré-colonial e colonial, os emigrantes usavam os seus recursos para a aquisição de enxadas, charruas, investiam em gado para o cultivo e produção alimentar, bem como para a aquisição de mulheres e naquela altura não pensávamos em fazer investimentos ao longo prazo que pudessem proporcionar um futuro das nossas vidas. Enfim, trabalhávamos para as nossas próprias barrigas”⁷.

Neste sentido, tal como argumenta Chilengue (2019) & Covane (2001:242), novos investimentos podem ser vistos no período após a independência e abandono não de uma forma total de algumas práticas sociais na província de Gaza e no distrito de Chibuto especificamente. O surgimento de empresários privados que passam nesta altura a não encarar a agricultura como prioridade (antes era a aquisição de enxadas e outros materiais que pudessem prestar nesta área), mas sim começam os emigrantes a explorarem novas oportunidades quer no comércio e noutros sectores que pudessem ser vitais aos seus investimentos.

Analisado o (Balanço do Plano Económico Social e Orçamento do Distrito 2017), foi possível perceber que vários serviços no distrito de Chibuto estão sendo desenvolvidos pelos antigos emigrantes em grande escala pelos antigos mineiros, desde ao abastecimento de água no distrito,

⁷ Entrevista com Senhor Manuel Mavila, Ex-emigrante, Chibuto, 26/08/2019, conduzida por Nhanombe

bem como outros serviços úteis a comunidade como é o caso de moageiras que facilitam a vida da população caracterizada por uma economia rural, ou seja, baseada na agricultura.

No que refere ao abastecimento de água, por exemplo, o distrito de Chibuto dentre 1992-2019 conta com cerca de 280 furos equipados por bombas manuais, dentre as quais avariadas e operacionais e um número relativo a 82 sistemas de abastecimento de água para uma população que atinge os 121000 habitantes, mostrando que ainda há um défice no que refere a essa questão e os ex-emigrantes, ex-mineiros tem minimizado este problema através de investimentos nessa área.

Tal como argumenta um dos entrevistados:

“O governo do distrito tem feito o possível para minimizar os problemas referentes ao abastecimento de água no distrito, mas é a acção conjunta dos ex-emigrantes que investem na abertura de furos e fornece água a população. Existe até uma associação dos antigos Emigrantes que para além de investimentos na área de fornecimento de água, também tem projectos de abertura de moageiras”⁸

Segundo os dados colectados em algumas localidades do distrito de Chibuto de 2009-2019 mostram as seguintes estatísticas em relação aos investimentos dos ex-migrantes e os que ainda estão no activo:

Bairros do Distrito	Furos de Água existentes
Chimundo	7 Correspondentes aos ex-emigrantes
25 de Junho	6 Correspondente aos ex-emigrantes
Samora Machel	4 Correspondente aos ex-emigrantes
Célula Mussavene	3 Correspondente aos ex-emigrantes
Total	20

⁸ Entrevista com senhor Alberto Souto (representante do Distrito na area de Trabalho Migratório), Chibuto, 2019 conduzida por Nhanombe

Fonte: Entrevistas

Importa salientar nestas estatísticas que não correspondem a uma visão universal do distrito, mas algumas localidades. Os investimentos nesta área no distrito de Chibuto não só são feitos pelos emigrantes, mas também foi possível identificar outros de empresários locais como se pode notar a LALGY e outros do conselho municipal, bem como da comunidade Islâmica.

Para além dos emigrantes investirem na abertura de furos, moageiras para minimizar os problemas ligados a esses sectores, também capitalizam os seus recursos no comércio, estando a crescer a rede comercial rural cerca de 2,33% e as evidências colhidas mostram que maior parte dos estabelecimentos comerciais registados do distrito sobretudo nas zonas mais recôndidas são propriedade dos emigrantes em sua maior parte dos ex-mineiros.

Tal como argumentou Fairré (2010), ilustrando os investimentos que os emigrantes tem feito após 1992 como a questão de fazer negócios, furos de água, bem como a compra de viaturas que estão ligados aos transportes reflectem no entanto pensamentos actuais em Inhambane e o mesmo pensamento pode ser verificado no distrito de Chibuto, onde a maioria dos emigrantes tem investido nessas áreas e nalgum momento tem ajudado a proporcionar o desenvolvimento do próprio distrito. Investimentos como a criação de Escola de Condução que foi uma evidência registada nesta pesquisa apesar de ser fraca nesta área.

Por outro lado, comprar géneros alimentícios básicos na África do Sul foi um fenómeno do período pós-independência, sobretudo no pós-guerra civil. Antes da independência de Moçambique, os comerciantes coloniais vendiam os produtos alimentares a crédito. Os emigrantes costumavam trazer produtos alimentícios especiais para oferecer os seus familiares e amigos, bem como pessoas respeitadas do que trazê-los para a sua subsistência absoluta.

No entanto, os géneros alimentícios básicos como o milho, amendoim e o feijão só se tornaram parte importante e integrante da bagagem dos emigrantes com o colapso da rede agrícola e do comércio local no pós-independência.

A crise no sector dos transportes verificada em Moçambique pós-independência, especificamente o colapso da rede local e inter-provincial dos transportes desde 1974, foi parcialmente

minimizada pelos veículos privados dos emigrantes regressados da África do Sul, especificamente dos que estavam empregues na indústria mineira naquela altura.

Porém, existem alguns pensamentos que mantiveram pelo menos para os homens conservadores da região de Gaza que se trata da questão do lobolo. O efeito do aumento dos salários nas minas por volta dos anos 70 foi o aumento da poligamia uma vez que os homens tinham capacidade de pagar o lobolo só de uma vez para mais de uma esposa, contrariamente ao que acontecera no período anterior em que dois ou três contratos eram necessários para o pagamento do lobolo e isso manteve e fez crescer a poligamia para aqueles que não queriam embarcar em novas aventuras de melhorar as condições de vida material, argumentando que mais do que uma esposa fazia bem para melhorar a vida material do que qualquer quantidade de máquinas que pode se ter e ainda assumiam que as esposas significavam mais mão-de-obra para eles próprios (Ibidem, 242).

Contudo, esta pesquisa mostra que há várias mudanças no que refere as áreas de investimentos dos emigrantes nas suas zonas locais no período pós-guerra Civil em Moçambique, pois, este período é caracterizado por uma abertura de horizontes, bem como as condições do país a esta altura, de estabilidade que permite que investimentos sejam feitos sem correrem grandes riscos tal como poderia acontecer durante o período da guerra civil. No entanto, caracterizam investimentos neste período a prestação de vários serviços que inquietavam a população do distrito tendo minimizado alguns dos problemas desta região como é a questão do abastecimento de água que é considerada de grande importância para a vida da população. Ainda importa referir que estes investimentos dos emigrantes no distrito de Chibuto permitem com que mais postos de trabalho sejam abertos para a população local minimizando o nível de desemprego que se regista no distrito.

CAPÍTULO-V

Conclusão

O Trabalho Migratório é uma característica do sul de Moçambique desde a época pré-colonial e veio ser dinamizada e capitalizada no âmbito do colonialismo português, tendo continuado a caracterizar a sociedade moçambicana principalmente a zona rural até os dias actuais.

A migração para a África do Sul no sul de Moçambique especificamente no distrito de Chibuto foi caracterizada por estigmas em relação à diferenciação do género, onde prevalecia a tradição e os costumes que dividiam de uma forma clara as actividades a serem desenvolvidos tanto pelos homens, tanto pelas mulheres. Na tradição migratória no distrito de Chibuto, havia dois tipos de migração: a longa distância que era reservada simplesmente para os homens que se envolviam para a África do Sul e a migração para Lourenço Marques que era reservada as mulheres que queriam envolver-se nesta actividade.

Neste sentido, as mulheres deveriam em sua maior parte permanecer em suas casas, ocupando-se com o trabalho agrícola, ou seja, na produção de bens de consumo deixando com os homens a tarefa de emigrar para a África do Sul quer para as plantações, quer para trabalho nas minas. É importante referir que por mais que o trabalho migratório a longa distância, isto é, para a África do Sul constituísse uma tarefa dos homens numa sociedade rural onde a divisão das actividades é baseada no género, foi possível apesar de ser em uma escala reduzida a migração feminina, onde estima-se que até 1920 existiam 800 mulheres na África do Sul que trabalhavam ao redor dos “compounds” como prostitutas e não tinham se envolvido nos trabalhos que os homens exerciam até aquele período.

É de salientar que esta concepção migratória no sul de Moçambique especificamente no distrito de Chibuto continuou mesmo após a independência, sobretudo, durante a guerra civil. Os registos de migração feminina durante a guerra civil não representa um fenómeno de livre escolha, mas sim as mulheres aparecem no fenómeno migratório como refugiadas nos territórios vizinhos como a África do Sul, Malawi e Zimbabwe e não como opção de busca de melhores condições de vida tal como os homens sempre o fizeram desde os períodos anteriores. Entretanto a migração feminina durante a guerra civil é dinamizada pelas condições do país caracterizado pela instabilidade.

Porém, verifica-se uma mudança no que se refere a esta concepção migratória no sul de Moçambique no período pós-guerra civil na medida em que para além da migração para a África do Sul ser simplesmente para os homens, também começa a envolver grande parte das mulheres em busca de melhores condições de vida, passando a exercer algumas actividades que caracterizavam os homens como é o exemplo do trabalho mineiro, bem como outras áreas que estas passam a se envolver. No pós-guerra civil há uma desconstrução em relação a concepção migratória que prevaleceu durante longo período de tempo que excluía a mulher neste tipo de migração.

Neste sentido, a feminização da migração corresponde uma das principais mudanças mais recentes na história da migração em Moçambique, sobretudo depois da década de 1990 que está associada ao aumento de ofertas de emprego para as mulheres nas áreas das indústrias e serviços. As mulheres se envolvem no trabalho migratório na actualidade, onde elas para além de emigrar com os seus parceiros para a África do Sul, por exemplo, que também constitui uma das mudanças no período pós 1992, emigram sem o acompanhamento destes.

A tradição da migração em Moçambique dominada pelos homens para grandes distâncias e por um longo período de tempo está sendo ultrapassada registando-se a feminização crescente, bem como responder as necessidades económicas do país e das comunidades em que se inserem. Em grande escala também se verifica o envolvimento das mulheres que actuam como pequenas empresárias, praticando a compra e revenda de produtos sul-africanos nas comunidades em que se encontram as designadas mukeristas.

Contudo, pode-se assumir que o período pós-guerra Civil foi determinante para a migração feminina de modo a buscar melhores condições de vida e estabilidade social das mulheres caracterizado pela maior mobilidade proporcionada por este período.

Entretanto, mudanças também ocorreram no que reflecte ao uso dos rendimentos que os emigrantes adquirem através do trabalho na África do Sul. No período pré-colonial, as actividades matrimoniais como o lobolo reflectiam apenas a troca de produtos por produtos dentro da sociedade no sul de Moçambique. No entanto, as enxadas, os animais como o Gado Bovino que sempre haviam feito parte dos pagamentos de preços das noivas como o principal

item das trocas para o lobolo durante este período, foram trocados pelos salários dos trabalhadores migrantes a quanto das relações migratórias ainda neste período.

Neste período referenciado, os salários pagos aos trabalhadores emigrantes eram simplesmente usados para satisfazer as exigências básicas de reprodução (por exemplo, alimentos, bens de consumo, lobolo). Além disso, as oportunidades de capitalização dos ganhos salariais eram limitadas. Embora certa quantia de renda monetária proveniente do trabalho migratório fosse acumulada como seguro de subsistência, principalmente na forma de dinheiro (mas também com gado e outros animais), grande parte continuava a ser redistribuída através de redes tradicionais para parentes e amigos.

Entretanto, no período pós-guerra civil há mudanças no que refere às formas de investimento desses rendimentos ou remessas que os emigrantes enviam. Os rendimentos ou as remessas adquiridas e enviadas da África do Sul para a região sul de Moçambique (províncias de Maputo, Gaza e Inhambane), jogou um papel fundamental para a estabilização de vidas de muitas famílias após a destruição durante a Guerra Civil, tendo prestado os rendimentos para aquisição de bens e serviços, permitindo também o início de novos investimentos.

A aplicação dos rendimentos pelos emigrantes moçambicanos no período pós-guerra Civil, com mais abertura para fazer seus investimentos sem nenhuns riscos, os emigrantes provenientes da África do Sul aplicam os seus rendimentos na construção de casas de alvenaria e depósitos de água, investimentos em abertura de moageira, investimentos em transportes (compra de carros para transporte), aquisição de animais para a reprodução e venda em pequena escala de modo a dinamizarem as suas vidas.

No pós-guerra civil até os dias actuais, no distrito de Chibuto os ex-emigrantes, bem como os emigrantes no activo, tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento e melhoramento de vida da população deste distrito, uma vez que tem criado investimentos que minimizam alguns dos problemas daquele distrito, tal como foi mencionado acima, investem em abertura de furos para o abastecimento do precioso líquido que possibilita ter água nas casas de acordo com as possibilidades da população. Minimizam ainda a distância que a população percorria para adquirir a água, bem como em outros serviços que são úteis para a população deste distrito.

Os emigrantes também estão envolvidos no desenvolvimento da rede comercial rural do distrito, onde é possível ver que o estabelecimento comercial tem crescido após a Guerra representam na sua grande parte propriedade dos antigos emigrantes e alguns que estão ainda a exercer esta actividade migratória.

Este facto mostra claramente a mudança de pensamento em relação à aplicação dos bens ou rendimentos adquiridos através do processo do trabalho migratório no sul de Moçambique que em vez de adquirir produtos de consumo e outros para investimento ligado maioritariamente a agricultura como investir em Gado, enxadas e outros instrumentos de produção, os emigrantes passam a ter outra postura ao que refere à uso desses recursos, fazendo grandes negócios que visam dinamizar e capitalizar os seus rendimentos.

Contudo, pode-se concluir com este trabalho que no pós-guerra Civil que há uma série de mudanças socioeconómicas associadas ao processo do Trabalho Migratório no sul de Moçambique até aos estágios actuais. Mudanças como o uso dos rendimentos adquiridos através do trabalho migratório no período pré-colonial e Colonial que usavam para a aquisição de bens de consumo, no pós-guerra, há maior abertura da aplicação dos recursos associados a situação de estabilidade que o país se encontra. Neste período, com uma conjuntura política favorável já é possível notar algumas mudanças no pensamento em relação ao uso dos rendimentos e os emigrantes começam a pensar em capitalizar os seus recursos através de investimentos e abertura de negócios como se podem notar no distrito de Chibuto investimentos como abertura de Moageiras e Furos de Água que permitem o desenvolvimento do distrito e ajudam a minimizar alguns dos problemas que ainda assolam a este distrito.

Bibliografia

Fontes Utilizadas

Fontes Orais

Alberto Salomão Soto, Responsável pelo Sector do Trabalho Migratório e representante do distrito (Administração do Distrito de Chibuto), (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Manuel Mavila, Ex-emigrante para a África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Januário Malhaeie, Ex-emigrante para a África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Salomão Ussivane, Ex-emigrante para África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Mário Chilengue, Ex-emigrante para África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Pedro Mabote, Ex-emigrante para a África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019);

Albino Matusse, Ex-emigrante para África do Sul (Entrevista em Chibuto, Agosto de 2019).

Documentação Primária

CENTRO DOS ESTUDOS AFRICANOS. Os mineiros moçambicanos na África do Sul. Maputo: CEA, 1980. 26 págs

CENTRO DOS ESTUDOS AFRICANOS. The recruitment and employment of Mozambique workers in South Africa, Chapter 4.[s/refs.], 19-38

GEFFREY, Christian; LAFORTE, Ana. *Impacto do Trabalho Migratório em Vilanculo: um projecto.* Documentação de Arqueologia e Antropologia, Coleção n 1. 1982

HARRIS, Marvin. *Labour Emigration among the Mozambique Tsonga: Cultural and Political Factors.* 1959, pag 50-66

Magaíza: Melhor apoio a Chegada. Tempo, nº 492, in: CEA Memorando interno nº14, 1980.

NEWITT, M. *Migrant Labour and the Development of Mozambique.* London: University of London, Institute of Commonwealth Studies, [s/d]. 9 pags

WEBSTER, David. *Colonialism, Underdevelopment and Migrant Labour in Southern Mozambique*. University of Witwatersrand, [s/d]. pag.18-25

Livros Publicados

BILALE, C. Castanheira. *A Mulher Migrante na Cidade de Maputo*. Maputo: Centro de Estudo da População (CEP), 2007.

COVANE, Luís. António. *O Trabalho Migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992)*. Maputo: PROMÉDIA, 2001. 306 págs

----- *As relações Económicas entre Moçambique e a África do Sul 1850-1964: Acordos e Regulamentos Principais*. Maputo: Livraria Universitária, 1989.

HEDJES, David. *História de Moçambique: Moçambique no Auge do Colonialismo, 1930-1961*. 2 Ed. Maputo: Imprensa Universitária. 1999. V2

SERA, Carlos. *História de Moçambique: Primeiras Sociedades Sedentárias 200/300-1885 & Agressão Imperialista 1886-1930*. Maputo: Imprensa Universitária. 2000. V1

Monografias, Teses e Artigos

BADEN, Sally. *Post Conflict Mozambique: womens special situations, populations issues and gender perspectives*. Institute of development studies. Brington: UK, 1997.

DE VLETTER, Fion. Recent Trends and Prospects of Black Migration to South Africa. RSA: The Journal of Modern Africa Studies, v. 23, n. 4, 1985.

.....Migration and Development in Mozambique: poverty, inequality and survival. South Africa: SAMP Migration Policy Series nº 43, 2006. p. 4-32

FARRÉ, Albert. “Formas de investimento de poupanças no local de origem por emigrantes do sul de Moçambique: O caso do distrito de Massinga (Inhambane)”. In: BRITO, Luis de et al. (Org). Protecção social: abordagem, experiência e desafios para Moçambique. Maputo: IESE, 2010. p. 219-214. Disponível em www.wekepédia.com

GASPAR, Napoleão. *The reduction of Mozambique workers in South African Mines, 1975-1992: A case Study of the consequences for Gaza province-District of Chibuto*. [Tese para obtenção do grau de Mestrado], 2005

GONSALVES, Patrício. “Compulsando as Migrações Internas e Internacionais”. *Inter-Espaços*, 2016. Disponível em www.wekepédia.com

MUANAMOHA, Ramos; RAIMUNDO, Inês. “A dinâmica migratória em Moçambique”. In: ARNALDO, Carlos; CAU, Boaventura (Org.). *Dinâmicas da População e Saúde em Moçambique*. Maputo: Cepsa, 2013. Disponível em www.wekepédia.com

MUANAMOHA, R. Cardoso. “Dynamics of Undocumented Mozambican Labour Migrations to South Africa”. Germany: VDM, VerlagDr Muller GmbH & co. KG, 2008.

NEVES, Joel. *O Trabalho Migratório de Moçambicanos para a Rodésia do Sul. 1913-1930/60*. [Trabalho para a obtenção do grau de Licenciatura]. Maputo, 1990

OTTO, Roesch. “Migrant Labour and Forced Rice Production in Southern Mozambique: The Colonial Peasantry of the Lower Limpopo Valley”. Ney York: Taylor & Francis, *Journal of Southern African Studies*, vol. 17, No. 2 (junho de 1991), pp. 239-270, disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2637236> acessado aos 10-03-2019 13:59

POTTS, D. Shall we go home? Increasing urban poverty in African cities and migration processes. *The Geographical Journal*, 1995. 161(3), 245.

RODRIGUES, C. Udelsmann. *Migração, Movimento e Urbanização em Angola e Moçambique*. 2018. Disponível em www.wekepédia.com acessado a 20.12.2019 às 13h

Cronologia

- 1850 – Iniciam as Plantações da Cana-de-açúcar em Natal;
- 1857 – Permissão para a Migração da mão-de-obra moçambicana para o Natal;
- 1867 – Descoberta do Diamante em Kimberley;
- 1870 – Início da exploração dos diamantes;
- 1886 – Descoberta do Ouro em Witwatersrand;
- 1897 – Primeiros regulamentos entre Portugal e Transval
- 1972 – Liberalização do Preço do Ouro;
- 1975 – Independência de Moçambique;
- 1976 – Enceramento da fronteira entre Moçambique e a Rodésia do Sul;
- 1976 – Início da Guerra Civil em Moçambique;
- 1986 – Decisão da Expulsão de trabalhadores moçambicanos na África do Sul;
- 1992 – Assinatura do Acordo Geral de Paz que pôs fim a Guerra Civil em Moçambique;
- 1975-1992 – Redução de Trabalhadores moçambicanos na África do Sul;
- 1994 – Eleições na África do Sul com a vitória do ANC;
- 1994 – Primeiras Eleições em Moçambique;
- 2000 – Cheias que afectaram o Sul de Moçambique.
- 2005 – Abolição de Visto para África do Sul e Botswana